

Estatuto morfológico das sequências -alhão e -arrão

Morphological status of the sequences -alhão and -arrão

Graça Rio-Torto*

Universidade de Coimbra, Celga-Iltec, Coimbra, Portugal

Resumo: O presente estudo procura caracterizar o estatuto morfológico de *-alb-* e de *-arr-* nas sequências *-alhão* e *-arrão*, as mais prototípicas de construções similares que envolvem, por exemplo, *-alhão*, *-albote*, *-alhão*, *-arrão*. Os afixos *-alb-* e *-arr-*, pouco representados na língua portuguesa hodierna, têm sido considerados infixos, sufixos ou segmentos de sufixos compósitos *-alhão* e *-arrão*. Os dados do português europeu 'popular' de grande parte do século XX contribuem para clarificar o percurso destes sufixos na língua portuguesa (variedades europeia e brasileira). A hipótese que se coloca é a de que se trata de formativos que, de sufixos pouco produtivos, terão sido reanalisados como constituintes de sufixos compósitos, nos quais os formativos mantiveram, cristalizando-os, os valores matriciais herdados. O quadro teórico que espalda esta reflexão é multidimensional, envolvendo nomes de referência dos estudos morfológicos e lexicais como Aronoff e Fudeman (2005), Basílio (1999, 2004), Bechara (2004), Booij (2007, 2010), Cunha e Cintra (1984), Nunes (1989), Rio-Torto (1993, 2020), Vasconcelos (1914). Dados de diferentes sincronias e de diferentes universos sociodialectais podem contribuir para clarificar as representações conceptuais que poderão estar na base de mudanças de estatuto de certos afixos, por via de processos de reanálise que os afetam.

FLP 23(2)

Palavras-chave: Sufixos avaliativos. Infixos. Reanálise. Morfologia derivacional. Formação de palavras do português.

Abstract: The present study aims to characterize the morphological status of *-alb-* and *-arr-* in the sequences *-alhão* and *-arrão*, the most prototypical of similar constructions involving, for example, *-alhão*, *-albote*, *-alhão*, *-arrão*. The affixes *-alb-* and *-arr-*, poorly represented in contemporary Portuguese language, have been considered infixes, suffixes or segments of composite suffixes *-alhão* and *-arrão*. The data from 'popular' European Portuguese of the 20th century contribute to clarify the course of these suffixes in the Portuguese language (European and Brazilian varieties). The hypothesis that is placed is that these initially unproductive suffixes have been reanalyzed as constituents of composite suffixes, in which the formatives kept, crystallizing them, the inherited matrix values. The theoretical framework that supports this reflection is multidimensional, involving reference names of morphological and lexical studies such as Aronoff e Fudeman (2005), Basilio (1999, 2004), Bechara (2004), Booij (2007, 2010), Cunha e Cintra (1984), Nunes (1989), Rio-Torto (1993, 2020), Vasconcelos (1914). Data from different synchronies and different socio-dialectal universes contribute to clarify the conceptual representations that may be the basis of changes in the status of certain suffixes, through reanalysis processes that affect them.

Keywords: Evaluative suffixes. Infixes. Reanalysis. Derivational morphology. Portuguese word formation.

* Professora Catedrática de Linguística do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal; gracart@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Nas gramáticas tradicionais de referência do português, como as de Cunha e Cintra (1984, p. 91-92) e Bechara (2004, p. 361), os sufixos *-arro* (*bebarro, naviarra*), *-arrão* (*coparrão, gatarrão, santarrão, homenzarrão*), *-arraç* (*pratarraç*), *-albo* (*muralha, politicalbo*), *-alhão* (*facalhão, grandalhão*) e *-eirão* (*chapeirão, toleirão, vozirão*) são incluídos no conjunto dos aumentativos. Azeredo (2010), na *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, não lhes faz menção, o que decorre por certo da sua baixa representatividade no uso contemporâneo. O mesmo se aplica a Basílio (1999, 2004) e a Sandmann (1989). Na sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, Rocha Lima (1972) considera *-alhão, -eirão, -arrão, -arão* e *-zarrão* como variantes de *-ão*.

Nas gramáticas mais antigas escritas em línguas portuguesa, a de Jerónimo Soares Barbosa inclui estas sequências no âmbito dos aumentativos, seja os “que aumentam mais”, como em *homenzarrão*, ou os “que aumentam menos”, como em *beberraz, ladravaz, linguaraz* (Soares Barbosa, 1822, p. 120), abaixo reproduzido:

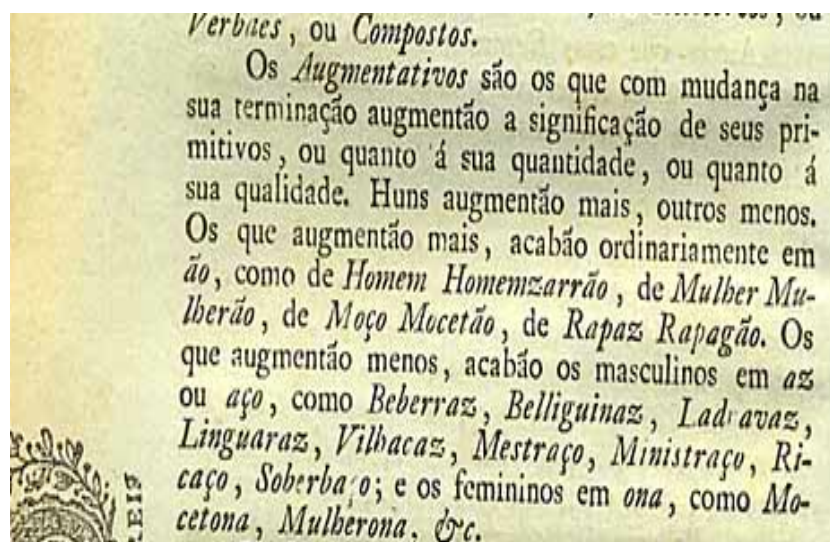


Figura 1 – Excerto de Soares Barbosa (1822, p. 120) consagrado aos *Aumentativos*.

As sequências que aqui vão ser exploradas são *-alhão* e *-arrão*, por serem representativas de construções similares que envolvem, por exemplo, *-albaço, -albote, -albaz, -arraç*.

2 INFIXOS, INTERFIXOS, SUFIXOS?

O estatuto morfológico de *-alb-* e de *-arr-*, mormente quando nas sequências *-alhão, -albote, -arrão*, tem oscilado bastante, sendo considerados ora como infixos, ora como interfixos, ora como sufixos. Sendo infixos são encarados como afixos portadores de valor semântico que se introduzem no interior de uma radical ou de um tema, alterando-lhe o semantismo, como acontece com *-pe-* ‘hidrogenação completa’, em inglês *lupetidine*, de *lutidine*, na linguagem química. Sendo interfixos são encarados como afixos desprovidos de função semântica que desempenham o papel de elemento de ligação. Como sufixos podem ser encarados como um todo indecomponível e/ou como resultado de um processo de sucessão de afixos que a esse todo deram origem.

Em texto de 1999, Monteiro, ao questionar a existência de infixos em português (-*it-* ou -*inh-* em *Carlitos* e *Marquinhos*), por contraste com os interfixos (vg. -*ar-* em *chuarada*, *ridicularizar*), coloca a possibilidade de -*arão* ou -*arrão*, em *casarão* e *saparrão*, por exemplo, serem interfixos:

alguns desses segmentos são originariamente morfemas sufixais que se desgastaram ou perderam todo o valor expressivo. Assim [...], é para recuperar esse valor expressivo que na derivação apreciativa pode ocorrer a interfixação, o que se constata por exemplo em *casarão*, *canzarrão*, *saparrão*, *cinturão* etc. (Monteiro, 1999, p. 81).

Se considerarmos que cada constructo gramatical ou lexical representa um complexo de ‘forma-significado-função’ (Booij, 2010), a representação destas construções em -*arrão* e -*alhão* de um e de outro modo tem implicações teóricas não despidiendas, nomeadamente no seu estatuto morfológico e na rede de padrões derivacionais do português.

Paiva (1961) considera que -*alb-* é um infixo em *amigalhaço*, *brincalhão*, *espertalhão*, *fracalhão*, *gordalhaço*, *grandalhão*. Nestes casos, o semantismo de -*alb-* é esvaziado pelo do sufixo que se lhe anexa, pelo que -*alb-* não tem, no entender da autora, valor semântico, sendo apenas um elemento de conexão e de reforço.

Rodrigues (2016, p. 109) também interpreta -*arr-* como infixo, com informação semântica, em *zangarrão*, uma vez que considera não disponível a forma *zangarro* a que se agrega o sufixo -*ão*.

Como veremos adiante, o caso único de *zangarrão*, corradical de *zangão*, não será bastante para considerar -*alb-* como um infixo. A sucessividade e até mesmo a recursividade sufixal é uma realidade presente na formação de avaliativos, como o abonam

- Parvo > parvalho > parvalhão > parvalhãozinho/parvalhãozito
- Porco > porcalho > porcalhão > porcalhãozinho/porcalhãozito
- Burro > burrico > burricinho/burriquito.

Rio-Torto, na sua tese de doutoramento *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos* (1993), descreve detalhadamente o funcionamento de -*alb-*, -*arr-* e -*ão*, mas não é clara quanto ao estatuto de -*alhão*, -*arrão* ou -*arraz*.

O estatuto morfológico destes operadores está intimamente ligado ao seu valor semântico, e por isso vamos de seguida atentar nesta sua dimensão.

As descrições disponíveis sobre os valores de -*alb-* e de -*arr-* nem sempre são unânimes, atribuindo-lhes semantismos que oscilam entre o depreciativo, o aumentativo e o diminutivo. Essa oscilação não é de estranhar, uma vez que estes sufixos se situam no domínio da expressão da subjetividade avaliativa e esta, seja de natureza qualitativa e/ou quantitativa (intensificativa, atenuativa), sempre se presta a oscilações de natureza individual e/ou intersubjectiva.

As construções -*alhão*, -*eirão*, -*arrão*, -*arraz* podem ser interpretadas de dois modos:

- (i) como sufixos compósitos (-*alhão*, -*arrão*, -*arraz*, -*eirão*), que resultariam da junção de dois sufixos, uma vez documentada (Rio-Torto, 2016) a independência funcional de -*alb-*, -*arr-*, -*eir-*, -*ão* e -*az*

- (ii) como uma construção afixal que resulta de um processo de recursividade derivacional, tese sustentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1914) e por José Joaquim Nunes (1989). Neste caso, os afixos *-alb-* e *-arr-* operam na primeira das duas fases em que se processa a construção do produto final.

A ser assim, não estamos perante interfixos, constituintes desprovidos de função significativa que funcionam como elementos de conexão, como *-l-* e *-t-* em *cha + l + eira* e *café + t + eira*, pois a adjunção de *-alb-* ou de *-arr-* imprime ao derivado um semantismo diferenciado, que permite ao operador mais periférico (*-ão*, *-az*, *-ot-*, *-ada*) preservar o seu valor semântico prototípico, que pode ser:

1. de intensificador, quando sufixado

1.1 em *-aç-* (*amigalhão*, *gordalhão*),

1.2 em *-ão* (*altarrão*, *dramalhão*, *espertalhão*, *fidalgarrão*, *fradalhão*, *gatarrão*, *grandalhão*, *homenzarrão*, *mansarrão*, *parvalhão*, *porcalhão*, *santarrão*),

1.3 em *-az* (*facalhas*, *pratalhas*),

1.4 em *-ot-* (*amigalhote/a*, *fracalhote/a*, *frescalhote/a*)

2. de coletivo, em *-ada* (*livralhada*, *padralhada*, *pretalhada*).

Parte-se muitas vezes do suposto de que *-alb-* e *-arr-* não estão disponíveis para a formação de novas palavras, e também de que não estão atestados muitos dos nomes derivados em *-alb-* e *-arr-* que est(ar)ão na base dos derivados hoje terminados em *-alhão*, *-alhão*, *-alhão*, *-alhão*.

O conhecimento de dados diatópicos do português europeu ‘popular’ do século XX atesta que a realidade do uso é diversa, revelando que *-alb-* já foi um sufixo dotado de alguma representatividade transdialectal, embora nunca tão intensa quanto a de *-ão* ou *-aç-*, os sufixos aumentativos mais salientes.

A hipótese que se coloca é a seguinte: é abundante a diversidade de afixos do paradigma avaliativo; no cômputo global destes, *-alb-* e *-arr-* não têm grande pujança de uso (comparada com a de *-ão* ou a de *-aç-*), sendo ainda assim *-alb-* um dos mais usados como depreciativo, no vector aumentativo; a economia funcional de recursos a que o elevado número de afixos avaliativos obriga, aliada à concorrência com outros sufixos depreciativos (v.g. *-ec-*, *-óide*, *-astr-*), faz com que *alb-* e *arr-* continuem a ser usados como instrumentos de manifestação de depreciação ou de uma atitude claramente negativa, mas não tanto *a solo*, antes em estreita associação com sufixos altamente representados, como *-ão* e *-aç-* (Rio-Torto, 1993). Assim, a língua organiza-se no sentido de preservar o valor disfémico de *-alb-* e de *-arr-* e de conduzir a que a primitiva recursividade derivacional que preside à adjunção destes sufixos possa dar lugar a uma sequência afixal reanalisada como um afixo composto, que herda as propriedades de cada um dos seus constituintes. De uma combinação sucessiva de sufixos (Rio-Torto, 2020, p. 3119), pode-se transitar para uma combinação simultânea, vazada num só sufixo.

3 USOS E VALORES DE *-ALH-*

Os trabalhos que se debruçam sobre os derivados em *-alb-* atribuem ao sufixo valores diminutivo, aumentativo, depreciativo e colectivo. O estudo do comportamento semântico e funcional deste sufixo, quando usado a *solo* e em *duo*, vai por certo ajudar a fazer luz sobre o seu atual estatuto morfológico.

Para Maçãs (1967) o sufixo funciona sempre como um depreciativo. Já para Paiva (1961, p. 399-400) são três as funções por ele desempenhadas:

- I. a colectiva, presente em *gentalba*, *livralbada*, *padralbada*, *pretalbada*;
- II. a depreciativa, patente em nomes (*criançalbo* ‘indivíduo muito acriançado’) e em adjectivos (*amigalhote*, *fracalhote*, *frescalbota*).
- III. a infixal. Neste caso, o semantismo de *-alb-* é esvaziado pelo do sufixo que se lhe anexa. Assim, em *amigalhaço*, *brincalhão*, *espertalhão*, *fracalhão*, *gordalhaço*, *grandalhão*, *-alb-* não tem, no entender da autora, valor semântico, sendo apenas um elemento de conexão e de reforço.

Não é consistente a opinião formulada por esta autora sobre o estatuto de *-alb-* nos derivados em que há coexistência de dois sufixos, pois considera que se trata ora de um infixo que desempenha o papel de elemento de ligação desprovido de função semântica (seria então um interfixo, não um infixo), ora de um sufixo com funções depreciativas, contrariando assim qualquer princípio de sistematicidade e de homogeneidade no seu funcionamento em circunstâncias em tudo idêntico.

Importa assinalar que em *livralbada*, *padralbada* e *pretalbada*, o semantismo colectivo é carreado pelo sufixo *-ada*, não sendo da responsabilidade de *-alb-*. Nestes nomes, como sempre que coexistem dois sufixos, um dos quais é *-alb-*, a depreciação é agenciada por este.

Ainda que pouco diferentes, as abordagens de Pontes e de Skorge reconhecem a função diminutiva que *-alb-* pode desempenhar. Pontes (1959, p. 49) avoca os diminutivos *burrinho*, *porquinho* ‘porco pequeno’ e *pequenhinho* e Skorge (1956, p. 140-141) classifica do mesmo modo *bodalba* ‘pequena porca’ (de *bode*), *camalho*, *frangalho*, *migalha*, *nesgalho* (de *nesga*), *pingalho* (de *pingo*), *porcalho*, *rapalbas* e alguns nomes diminutivos a que normalmente está associado um valor depreciativo, como *burrinho*, *criançalho*, *garotinho*, *moçalho*.

Para estas autoras, em *cabeçalho*, *lençalho*, *maridalho*, *ramalho* e *viscondalho*, o sufixo comporta-se como aumentativo-pejorativo (Pontes, 1959, p. 50-51), e, nos aumentativos *espertalhote*, *fracalhote*, *fradalhão*, *frescalhão*, *frescalhote* e *gordalhaço*, *-alb-* funciona como depreciativo (Skorge, 1956, *ibidem*).

Tenha-se presente que em finais do século XIX (1880), o Cardeal Saraiva (tomo IX, 324) ainda descreve cada um dos sufixos *-alb-*, *-elh-* e *-ilb-* como uma “terminação diminutiva que caracteriza o objecto de miúdo, desprezível e de nenhum valor, talvez ridículo”.

Face a esta heterogeneidade, impõe-se clarificar os valores semântico-pragmáticos em jogo na avaliação agenciada por *-alb-*.

Os produtos avaliativos sufixados em *-alb-* evidenciam de forma singular a coexistência de um semantismo diminutivo, aumentativo e depreciativo,

compreensível à luz de esquemas conceptuais tão comuns quanto o de *excesso* (*para mais ou para menos*) é *negativo*, complementando assim o de *small is beautiful*, tão glosado em diversas línguas.

Assim se compreende que os nomes e adjetivos *-alb-* possam carrear sentidos diminutivo-depreciativos e aumentativo-depreciativos, ou apenas sentidos diminutivos ou aumentativos. Se, na língua comum, *fornalba* é um ‘forno grande; parte do forno, da máquina ou do fogão onde se queima combustível’ (Ferreira, 1975), já em Alfândega de Fé (distrito de Bragança) denota um ‘pequeno forno sobre o qual está a caldeira do lagar de azeite’ (Sousa, 1955, p. 296). Imagens recolhidas no Google (<https://mapio.net/images-p/6520750.jpg>) de antigos lagares de azeite confirmam que as *fornalbas* destes não tinham dimensões avultadas, como as que conhecemos hoje nas modernas unidades industriais.

Atrevo-me a dizer que, dos produtos derivacionais aqui arrolados, apenas uma dezena será conhecida dos falantes mais novos de língua portuguesa como língua materna, sendo eles *gentalba*, *cabeçalbo*, *mimalbo* ‘que tem muito mimo’, *muralba*, *ramalbo*, e alguns que ocorrem em adjunção com outros sufixos, como *livralbada*, *padralbada*, *pretalbada*, *amigalbote*, *amigalbaço*, *brincalhão*, *espertalhão*, *facalhão*, *gordalbaço*, *grandalhão*.

Os demais dados empíricos que vamos convocar são mais antigos, sendo registados no português europeu do século XX, sobretudo nos seus três primeiros quartos, e mormente por falantes menos alfabetizados de zonas mais rurais do país. Estes dados, anacrónicos para alguns, permitem, contudo, clarificar os valores semântico-pragmáticos do sufixo em contextos não urbanos e não representantes da norma ‘culta’, revelando assim sentidos matriciais que a língua padrão pode ter esbatido. Tenha-se em conta que este sufixo gozou de alguma produtividade nos séculos XIV e XV (Nunes, 1989, p. 380, nota 2), estando até abonado *Vasco Porcalbo*, na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes (1949, p. 160), mas tem vindo progressivamente a perdê-la, em favor de *-ec-*, mais produtivo na língua comum. No século XVI regista-se o apelido ou alcunha *barbalbo*, em Luis Barbalho (Machado, 1977).

As fontes dialectais por nós compulsadas, maioritariamente inéditas (dissertações de Licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e Relatórios do Inquérito Linguístico Boléo, consultáveis na Faculdade de Letras de Coimbra) testemunham o seu uso em quase todas as variedades dialectais do português europeu, pelo que, ainda que não muito produtivo e/ou disponível, *-alb-* é um operador derivacional não marcado diatopicamente.

Apesar de não ter uma extraordinária disponibilidade, o sufixo *-alb-* agrega-se a bases nominais de diferentes tipos semânticos, sumariados no quadro seguinte, e combina-se também com radicais adjetivais e verbais.

FLP 23(2)

Quadro 1 – Classes semânticas da base e do derivado sufixado em *-alb-*.

| Classes semânticas da base e do derivado | Derivados em <i>-alh-</i> |
|--|---|
| [+ANIMAL] | burrinho; burrialho; canicalho; porcalho; recalha |
| [+HUMANO] | criançaalho; garotalho; gentalha; maridalho; moçalha; politicalho; viscondalho |
| [-ANIMADO] | artigalho; chancalhos; ciscalho; cobertalho; dornalho; espigalho; mentiralha; naipalho; poterringalhas; tinalha; trapalho; trapicalho |

Fonte: Elaboração própria.

Na língua comum, aos derivados em *-alb-* está convencionalmente associado um conteúdo negativo, o que tem levado a encarar o sufixo como um instrumento de pejoração. Com efeito, a grande número das palavras com ele construídas, nomeadamente àquelas cujas bases são nomes de ser humano ou de entidade não animada, está convencionalmente associada, sobretudo na linguagem corrente e/ou familiar dos meios menos rurais, uma significação negativa que quase se sobrepõe ao conteúdo de atenuação ou de diminuição.

Em simultâneo, em variantes geo-sociolinguísticas específicas, o uso de *-alb-* parece não se rodear sistematicamente de valorações negativas. Nos derivados recolhidos em contexto não urbano, na linguagem de falantes de estratos sociolinguísticos não alfabetizados, e numa região tão diferenciada dialectalmente como a meridional, a utilização de *-alb-* não imprime necessariamente ao derivado um semantismo negativo. Os trabalhos que descrevem a linguagem popular do Alentejo e do Algarve acusam uma certa flutuação na atribuição de um valor diminutivo ou depreciativo a *-alb-*. Leite de Vasconcelos, na *Filologia Barranquenba* (1955, p. 84), e Boléo (1974) atribuem ao sufixo um conteúdo depreciativo, mas Boléo e Silva (1974, p. 337) afirmam não se ter apercebido de que *-alb-* funcione como tal, mas antes como diminutivo. Por conseguinte, a avaliação estritamente diminutiva de *-alb-* é ainda preservada, se bem que de forma não absoluta, em algumas modalidades do português europeu. É provável que a avaliação disfórica agenciada por *-alb-* se tenha progressivamente estendido da linguagem comum e coloquial às linguagens regionais não urbanas, alternando ou coexistindo com a função de avaliação meramente diminutiva.

A avaliação operada por *-alb-* topicaliza diferentes tipos de características físicas do denotado pela base, como a idade (*burricalbo*, *criançaalbo*, *moçalha*), a estatura (*garotalbo* ‘garotito’; *moçalha* ‘mocita’), as dimensões (*dornalbo* ‘dornacho’, *guiçalho* ‘lenha delgada para o fogo’; *tinalha* ‘tina pequena para vinho’), o peso (*poalbo* ‘poeira leve em suspensão no ar’), ou seja, diferentes tipos de características físicas do denotado pela base, mas também a qualidade do denotado: *artigalbo* ‘artigo de pouco valor; artiguelho’; *camalbo* ‘cama mal feita e improvisada’; *espigalbo* ‘espiga de milho fraca, com poucos grãos’; *mentiralba* ‘mentira leve, inofensiva’; *politicalbo* ‘mau político’; *trapalbo* ‘trapo velho, sem préstimo’.

O valor estritamente diminutivo de *-alb-* é particularmente patente nos derivados de nomes de animais (*burrinho* ‘burrito’; *burricalbo* ‘burro novo e pequeno’; *canicalbo* ‘cãozinho’; *porcalho* ‘porco pequeno’; *resgalba* ‘pequena rês’).

Já as denominações de ser humano sufixadas em *-alb-* apresentam uma avaliação frequentemente desfavorável: *criançalbo* '(pop.) indivíduo acriançado'; *gentalbo*; *maridalbo* 'marideco'; *moçalbo* 'rapaz sem valor'; *politicalbo* 'politicastro; politiqueiro; politiquete'; *viscondalbo* 'viscondezeco' (informações extraídas de Costa, 1984).

Alguns dos derivados em *-alb-* adquirem significações especializadas que distanciam o semantismo atestado do derivacionalmente construído, como atestado em Costa (1984): *cabeçalbo* 'timão do carro, do qual pende a canga; título de jornal ou de outra publicação periódica [...]; título destacado de artigo, notícia [...]; título de capítulo'; *cangalbo* 'cada um dos paus ou canzís que seguram a canga no pescoço dos bois, de muares ou equídeos [de *canga*]'; *chocalbo* 'espécie de campainha [*choca*] que se põe no pescoço de alguns animais para denunciar a sua presença'; *forçalbo* '(prov. minh.) parte do cabeçalho onde entra o jugo; qualquer haste de madeira bifurcada numa das extremidades; forquilha; utensílio agrícola com haste de madeira e terminado por dois dentes de ferro'¹.

Muitos dos derivados portadores de *-alh-* não se encontram dicionarizados, ou apenas o são em dicionários menos correntes no século XX, como Silva (1955) ou Figueiredo (1981). Para além destes, foram consultados os dicionários da Porto Editora (Costa, 1984) e o Aurélio (Ferreira, 1975, 1987), por serem representativos da língua até ao terceiro quartel do século XX, antes da irrupção avassaladora da internet e da profusa difusão de dicionários online de língua comum.

Nas listagens de dados empíricos que se seguem (1-55 e 61-67), as referências lexicográficas correspondem aos seguintes dicionários do Brasil e de Portugal: Silva (1955), Ferreira (1975, 1987), Figueiredo (1981), Costa e Melo (1984) e Houaiss (2002).

São derivados portadores de *-alh-*, recolhidos em fontes lexicográficas e em fontes dialectais:

- (1) **artigalho** — artigo de pouco valor, sem interesse; artiguete; artiguelho (Silva, 1955).
- (2) **barbalho** — pequena barba; barbicha; raiz filamentosa (Silva, 1955).
- (3) **bestalho** — grande besta (Figueiredo, 1981); bestazinha (Maças, 1967, p. 11).
- (4) **bodalha** — (ant.) pequena porca, leitoa (Figueiredo, 1981); porca ainda nova (Silva, 1955).
- (5) **bonecalho** — boneco grande e feio, na linguagem popular dos concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas (Matias, 1984, p. 185).
- (6) **burrinho** — burrito, na linguagem do barlavento algarvio (Nunes, 1902, p. 50)
- (7) **burricalho** — burro novo e pequeno; burrico, na linguagem popular do baixo Alentejo (Delgado, 1951, p. 64); burro pequeno e fraco, nos concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas (Matias, 1984, p. 185); burro pequeno e magro (Capelins, Alandroal, Évora – Relatórios dactilografados do Inquérito

¹ De interpretação problemática são: *imalba* 'parte superior da parede de um edifício, que serve para ocultar o telhado e dar apoio ao algeroz' (Costa, 1984), tendo por base o radical de *cima*, segundo Meyer-Lübke (1968); *migalha* 'pequeno fragmento de pão, de bolo ou de outro alimento farináceo; miga; pequena porção, quantidade ínfima' (Ferreira, 1975; Figueiredo, 1981), derivado do radical de *miga*, segundo Meyer-Lübke (1968). O nome *rapadalbo* 'lixo miúdo que fica depois da limpeza das sementes; resíduos que ficam aderentes às paredes de um vaso no fundo dele, depois de se ter tirado o principal e que é preciso rapar; ao último filho de uma mãe chama o povo *rapadalbo* da panela', no concelho minhoto de Arcos de Valdevez (Pereira, 1923, p. 197), poderá ter por base o radical de *rapado*, adjectivo deverbal nominalizado.

- Linguístico Boléo (R.I.L.), 1972, p. 105); burro até à idade de oito a dez meses, na região de Barrancos (Vasconcelos, 1955, p. 84).
- (8) **cabeçalho** — cabeça grande, na linguagem popular de Juromenha, Campo Maior e Ouguela (Matias, 1984, p. 185).
- (9) **camalho** — cama mal feita e improvisada (Capelins, Alandroal, Évora - R.I.L., 1972, p. 105); cama pequena, no chão, em que se dorme a sesta, na linguagem popular do baixo Alentejo (Delgado, 1951, p. 77).
- (10) **canicalho** — cachorro, cãozinho, no concelho de Alandroal, Campo Maior, Elvas (Matias, 1984, p. 185); cão pequeno, no alentejano (distrito de Évora); canito ou canicho (Pombinho Jr., 1935, p. 108).
- (11) **chancalho** — sapato velho (Figueiredo, 1981) [de *chanca*].
- (12) **chiscalho** — pequena porção de qualquer coisa, na linguagem popular de Escarigo (Sousa, 1946, p. 105) e da Vermiosa (Fonseca, 1945, p. 52), povoações de Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda; cisquito. Base: *chisco*.
- (13) **cibalho** — alimento das aves ou de pintainhos; (fam.) pequena porção de qualquer alimento ou de qualquer coisa (Figueiredo, 1981); terra pequena, fraca, no Parâmio, Bragança (Fernandes, 1961, p. 59). Derivado de *cibo*.
- (14) **criançaalho** — criancelho '(fam.) indivíduo muito criança ou muito acriançado' (Figueiredo, 1981); criancelha; crianceca; (pop.) indivíduo acriançado, leviano (Costa; Melo 1984).
- (15) **dornalha** — dornacho 'dorna pequena' (Ferreira, 1975).
- (16) **dornalho** — dornacho, pequena dorna, na linguagem popular da Beira Baixa (Dias, 1962, p. 105).
- (17) **dornalhas** — ceirões de cortiça com amparos dos lados, em Odemira, Alentejo (Pombinho Jr., 1935, p. 175; Costa; Melo, 1984).
- (18) **escorrichadalho** — escorrichadinho (Merufe, Monção, Viana do Castelo - R.I.L., 1969, p. 67).
- (19) **espigalho** — espiga de milho fraca, com poucos grãos, na linguagem popular do concelho de Fafe, Guimarães (Pereira, 1952, p. 261); espiga de dimensões reduzidas (Boléo, 1978, p. 34 - citação de ocorrência recolhida em Fafe, Guimarães).
- (20) **forcalha** — (prov. minh.) parte do cabeçalho/da cabeçada onde entra o jugo (Figueiredo, 1981); forquilha; utensílio agrícola com haste de madeira e terminado por dois dentes de ferro, na linguagem popular do concelho de Alijó (Salgueiro, 1945, p. 79-80). Base: *forca* 'pau em forma de forca'.
- (21) **garotalho** — garotelho, no português meridional (Skorge, 1956, p. 141).
- (22) **gentalha** — ralé, gente ordinária (Figueiredo, 1981; Ferreira, 1987).
- (23) **guiçalho** — lenha delgada para o fogo, na linguagem popular do Parâmio, Bragança (Fernandes, 1961, p. 59). Base: *guiço*
- (24) **lençalho** — lenceco; lencelho (Ferreira, 1987); lenço grande e ordinário (Figueiredo, 1981).
- (25) **maridalho** — (prov. alent.; depr.) marido (Figueiredo, 1981); marideco (Pontes, 1959, p. 50).
- (26) **mentiralha** — mentirola 'mentira inofensiva' (Figueiredo, 1981).
- (27) **moçalha** — mocita, no sotavento algarvio (Rocha, 1979, p. 321).
- (28) **moçalho** — (prov. alg.) rapaz novo; rapaz sem valor; rapazito (Costa; Melo, 1984).
- (29) **nesgalho** — pequena nesga (Figueiredo, 1981).
- (30) **parvoalho** — (bras.) grande parvo; parvalhão (Figueiredo, 1981); (bras.) parvoeirão; indivíduo muito parvo; parvalhão (Ferreira, 1987).
- (31) **pequenalho** — (prov. alg.) pequenino (Figueiredo, 1981); (ant.) pequenito (Nunes, 1989, p. 381).
- (32) **pequerralho** — (prov. alg.) pequeno, pequerrucho (Figueiredo, 1981).

FLP 23(2)

- (33) **pequencialho** — coisa pequena; pequenito, no sotavento algarvio (Rocha, 1979, p. 121).
- (34) **pingalho** — (fam.) pingato; pinga (Silva, 1955); pinga, porção de bebida (Figueiredo, 1981).
- (35) **poalha** — poeira leve em suspensão (Ferreira, 1987) ou espalhada na atmosfera (Costa; Melo, 1984).
- (36) **poalho** — chuva miudinha (Costa; Melo, 1984); (naut.) nevoeiro pouco denso, que cerra o horizonte; chuva miúda e passageira (Figueiredo, 1981).
- (37) **podricelho** — coisa podre ou de fraca qualidade (Silva, 1955); (fam. ant.) molangueiro (Figueiredo, 1981); sem energia; preguiçoso, moleirão; coisa podre (Ferreira, 1987).
- (38) **politicalha** — política reles (Figueiredo, 1981); politiquice (Costa; Melo, 1984).
- (39) **politicalho** — politicastro; politiqueiro; politiquete (Ferreira, 1987).
- (40) **porcalho** — (ant.) porco pequeno, leitão, báculo (Figueiredo, 1981); porquito, no vocabulário algarvio (Viana, 1954, p. 62).
- (41) **poterringalhas** — pote pequeno (S. Julião de Palácios, Bragança - R.I.L., 1964, p. 46).
- (42) **ramalho** — grande ramo, geralmente cortado da árvore (Figueiredo, 1981; Silva, 1955).
- (43) **recalha** — (prov. trans.) rapariga imunda (Figueiredo, 1981); reca, porca.
- (44) **rengalho** — espécie de rede ainda não lavrada e que serve de base para a execução de uma renda (Ferreira, 1987); tecido em que se fazem bordados; rede sem lavor (Figueiredo, 1981). Base: *rengo* 'tecido transparente, aplicado principalmente em bordados' (Ferreira, 1987).
- (45) **resgalha** — pequena rês, usado no Alentejo (Pratt, 1913, p. 269); (prov. alent.) rês ordinária (Figueiredo, 1981).
- (46) **tinalha** — tina (ou dorna) pequena para vinho (Ferreira, 1987; Figueiredo, 1981).
- (47) **trapalho** — trapo velho e sem préstimo, no concelho de Arcos de Valdevez (Pereira, 1932, p. 194) e no Alentejo (Fradinho, 1933, p. 112); (prov.) rodilha de cozinha (Costa; Melo, 1984); (t. da Bairrada) peça de roupa suja; farrapo sujo (Figueiredo, 1981).
- (48) **trapicalho** — trapo; farrapo; (fig.) pessoa andrajosa (Costa; Melo, 1984) ou desmazelada no vestir (Figueiredo, 1981).
- (49) **vergalho** — membro genital do boi e do cavalo, depois de cortado e seco (Ferreira, 1987); azorrague feito desse órgão (Figueiredo, 1981). Base: *verga*.
- (50) **viscondalho** — depreciativo de visconde (Ferreira, 1987).

Nos verbos, o sufixo funciona como avaliador desfavorável e/ou como iterativo:

- (51) **brincalhar** — brincar (Figueiredo, 1981).
- (52) **conversalhar** — conversar por entretenimento, cavaquear (Figueiredo, 1981; Costa; Melo, 1984).
- (53) **espirralhar** — espirrar de forma intermitente e/ou iterativa; molhar desagradavelmente.
- (54) **marralhar** — teimar ou insistir procurando convencer alguém (Silva, 1955; Ferreira, 1987).
- (55) **pingalhar** — pingar (Figueiredo, 1981).

Os dados evidenciam que, nos seus diferentes contextos de uso, o valor de *-alh-* oscila entre o diminutivo, o diminutivo-depreciativo, o aumentativo, o aumentativo-depreciativo e o depreciativo. Este sufixo tem tendência a ser convocado

em registos comunicativos marcados por uma certa informalidade e/ou familiaridade, sendo ativado como instrumento expressivo de manifestação da subjectividade (Langacker, 1990; Traugott, 2003). O seu espectro de avaliação revela-se lato e, no seio dos avaliativos, bastante singular, o que coloca a questão da existência de uma relação não biunívoca entre forma e significado, tão comum na arquitetura da língua. Na língua comum, o valor depreciativo é o mais representado.

Como já observara Nunes (Nunes, 1989, p. 380), no português mais recente, o sufixo *-alb-* é menos usado isoladamente, sendo mais frequente que ele coocorra com outro recurso derivacional. A perda de vitalidade do sufixo e/ou o desgaste que acusa terão conduzido à necessidade de os derivados em que ocorre passarem a funcionar como bases de um novo derivado, cujo significado composicional é tributário de ambos os sufixos copresentes.

Na realidade, *-alb-* ocorre em sequências sufixais adjetivais e substantivais, e, em ambos os casos, a sua marca semântica dominante permanece a avaliação depreciativa:

(56) *espertalhão; fracalhão; frescalhão; grandalhão; parvalhão, porcalhão;*

(57) *amigalhote; espertalbote; fracalhote; frescalhote;*

(58) *amigalhaço; gordalhaço; gordalhufo.*

É este o contexto em que o sufixo é produtivo na língua comum; isoladamente, a sua disponibilidade é escassa.

Não se tratará de um infixo, uma vez que o sufixo está suficientemente abonado. O caso único de *zangarrão*, corradical de *zangão*, não será bastante para considerar *-alb-* como um infixo, como sustenta Rodrigues (2016, p. 109). A sucessividade e até mesmo a recursividade sufixal é uma realidade presente na formação de avaliativos, como o abonam

(59) Parvo > parvalho > parvalhão > parvalhãozinho/parvalhãozito

(60) Porco > porcalho > porcalhão > porcalhãozinho/porcalhãozito.

Nos nomes sufixados em *-ão*, *-az* e *-eir-*, e nos quais também está presente *-alb-* (*dramalhão; fradalhão; facalhas; ronbalheira*), este funciona como um avaliativo qualitativo, que topicaliza propriedades negativas, donde resulta o seu carácter depreciativo.

Nestes casos de combinatória sufixal, é o sufixo *-alb-* (e não *-ão*, *-az* ou *-eir-*) que confere às palavras o semantismo negativo que elas veiculam. De resto, seria de esperar que a contiguidade de dois sufixos desse origem a uma diferenciação acrescida de sentido dos sufixos, tendo *-alb-* assumido um valor predominantemente disfórico. O sufixo que se coloca mais à direita não anula o valor do que figura em posição interior, havendo antes complementaridade entre ambos.

É possível que o primitivo processo de sucessividade derivacional que está na base da coexistência das sequências *-alhão*, *-arrão*, *-alhas*, *-alhaço*, *-albote* tenha evoluído para uma situação de combinatória sufixal em que a sequência é reanalisada como um sufixo composto (cf. *espadalhão*). Em derivados em *-ada*, como *bifalhada*, *intrigalhada*, *livralhada*, *negralhada*, *padralhada*, *pretalhada*, *vidralhada*, *-alb-* é responsável pela avaliação disfémica que está associada a estes derivados. Uma vez mais, em presença de um outro sufixo, o semantismo de *-alb-* é de teor depreciativo. Estes dados evidenciam de

forma clara que os traços negativos que caracterizam *-alb-* adquiriram o estatuto de traços diacríticos do sufixo, projectando-se nas mais diversas situações derivacionais.

4 NOMES E ADJETIVOS PORTADORES DE *-ARR-*

De origem não latina, os sufixos *-arr-*, *-orr-* e *-err-*, embora marcados por uma reduzida produtividade, são operadores avaliativos promotores de efeitos expressivos muito acentuados. O facto de a sua expressividade poder ser explorada em situações informais, coloquiais e/ou em situações permeáveis à manifestação da (inter)subjectividade torna-os operadores dotados de uma relativa disponibilidade, que não se confina ao reduzido número de derivados atestados em que ocorrem. De todos, *-orr-* e *-arr-* são os mais representados.

O sufixo *-arr-* funciona como um instrumento de avaliação aumentativa e diminutiva. No primeiro caso, à expressão de aumento anda habitualmente associada uma avaliação qualitativa de sinal negativo (*bocarra*). O valor diminutivo encontra-se em *chibarro* e *chibarra*.

São os seguintes os derivados portadores de *-arr-*:

- (61) **baitarra** — (bras. N) homem muito alto [*baita* ‘(bras.) grande, enorme’] e forte; homenzarrão; (bras. SP) tratante, velhaco; trapaceiro, caloteiro (Ferreira, 1987).
- (62) **bocarra** — boca muito grande ou escancarada (Costa; Melo, 1984); boca grande, descomunal (Figueiredo, 1981).
- (63) **bot(if)arra** — bota grande e grosseira (Figueiredo, 1981; Costa; Melo, 1984) e forte (Silva, 1955).
- (64) **chibarra** — chiba ainda nova (Silva, 1955); cabra pequena até um ano de idade (Maia, 1977, p. 253).
- (65) **chibarro** — chibo castrado (Ferreira, 1987); ‘bode novo, castrado; chibéu; chibato’ (Costa; Melo, 1984).
- (66) **naviarrá** — (ant.) barcaça (Silva, 1955; Figueiredo, 1981); (ant.) grande barca (Ferreira, 1987).
- (67) **pratarrá** — grande prato; pratada; prato cheio (Figueiredo, 1981).

A visibilidade de *-arr-* é maior em virtude de se combinar com outros sufixos isofuncionais, formatando séries em *-arrão* (*canzarrão*, *gatarrão*, *altarrão*, *chatarrão*) e em *-arraç-* (*peitarraça*). É sobretudo neste contexto que as marcas negativas do sufixo emergem. Este sufixo, ao contrário de *-alb-*, não modifica bases verbais, e as suas possibilidades combinatórias com bases adjetivais estão presentes em *altarrão*, *beberrão*, *brancarrão*.

5 DOIS SUFIXOS EM UM?

Os materiais em pauta suscitam múltiplas questões de ordem teórica.

Em ambos os casos, quando *-alb-* e *-arr-* funcionam a *soló*, como sufixos, há uma certa não univocidade forma-sentido, mais acentuada no caso de *-alb-* do que no de *-arr-*. Em ambos os casos, os valores podem ser diminutivo, aumentativo, depreciativo, mas na língua comum e mais informal estes dois últimos são os dominantes.

A dificuldade de atribuição de um só significado a cada sufixo, documentada pela presença de mais do que um semantismo associado à mesma forma, esbate-se quando *-alb-* ou *-arr-* passam a fazer parte de uma sequência afixal, cujo sufixo mais à direita é aumentativo ou intensificador, como *-ão*, *-aç-*, *-açz*, *-ot-*, ou quantificador de coleção/de grande quantidade, como *-ada*. Nesta circunstância, *-ão*, *-aç-*, *-açz*, *-ot-* e *-ada* mantêm os seus valores habituais, e *-alb-* e *-arr-* assumem um valor predominantemente depreciativo. Inverte-se então o tipo de relação antes descrita, pois agora emerge uma relação biunívoca entre forma e significado (Aronoff; Fudeman, 2005, p. 38-40), que não deixará margem para dúvidas, mesmo a quem pouco contactou com algumas das unidades lexicais assim construídas. O quadro seguinte sintetiza, exemplificadamente, os padrões de construção dos produtos portadores de *ALH + x* e de *ARR + x*.

Quadro 2 – Padrões de construção dos produtos portadores de *ALH + x* e de *ARR + x*.

| Afixos | <i>ALH + x</i> | <i>ARR + x</i> |
|-------------|--|---|
| <i>-ão</i> | bestalhão, <u>bobalhão</u> , bodalhão, brandalhão, dramalhão, espertalhão, facalhão, fardalhão, fradalhão, frescalhão, gordalhão grandalhão, moçalhão, negralhão, parvalhão, politicalhão, porcalhão | altarrão, becerrão, brancarrão, cascarrão, coparrão, doidarrão, estupidarrão, feiarrão, fidalgarrão, gatarrão, homenzarrão, insectarrão, laçarrão, mansarrão, negociarrão, pratarrão, sacarrão, santarrão, saparrão, secarrão |
| <i>-aç-</i> | amigalhaço, brutalhaço, gordalhaço, ricalhaço | leigarraço |
| <i>-ot-</i> | amigalhote, fracalhote, frescalhote | |
| <i>-açz</i> | facalhaz, pratalhaz | beberraz, ladravaz, linguaraz |
| <i>-ada</i> | bifalhada, intrigalhada, livralhada, padralhada, negralhada, padralhada, pretalhada, vidralhada | chibarrada, pratarrada, taçarrada |

Fonte: Elaboração própria.

Em regra, estas sequências serão tanto mais reanalisadas como sufixos compósitos (e já não como uma sequência derivacional bietápica) quanto maior for a sua produtividade na linguagem informal e /ou expressiva contemporânea.

Não são abundantes os estudos sobre o uso destas sequências no português brasileiro ou europeu contemporâneos. Houaiss (2002), no *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, considera *-lhão* como variante da ‘terminação’ *-ão*, e nele não se encontram novas formações em *-lhão*, nomeadamente produzidas no português do Brasil. Souza (2015, p. 45-46) exclui da sua análise dos derivados do português brasileiro em *-ão*, *-ona*, *-aço*, *-aça*, *-uço* e *-uça* vários produtos derivacionais que contêm *-alb-* e *-arr-*, justamente por cada um destes ser encarado como “elemento fônico intermediário”. Ora, as palavras excluídas, e que constam de um quadro específico

(Souza, 2015, p. 45-46), são as que aqui nos ocupam, em *-alhão* (*amigalhão, ricalhão*), em *-alhão* (*bestalhão, bobalhão, bodalhão, bonacheirão, brandalhão, brincalhão, dramalhão, espertalhão, facalhão, fardalhão, frescalhão, gordalhão, grandalhão, gritalhão, moçalhão, negralhão, politicalhão, porcalhão, pretalhão, vagalhão*) e em *-arrão* (*cascarrão, coparrão, doidarrão, estupidarrão, feiarrão, gatarrão homenzarrão, insetarrão, laçarrão, negociarrão, pratarrão, sacarrão, santarrão, saparrão, secarrão*). Todas elas se registam já em finais do século XX, nomeadamente em Rio-Torto (1993, p. 436-446; 545-571), pelo que não se detectam sinais de utilização de tais recursos afixais em novas palavras, ainda que tal seja verosímil dada a criatividade típica da expressão da intersubjetividade.

A consulta do Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (<https://ccint.fflch.usp.br/observatorio-de-neologismos-do-portugues-brasileiro-contemporaneo>) não se revelou esclarecedora, mas tratando-se de uma zona do léxico muito impregnada de expressividade e de subjetividade, logo com forte poder de improvisação, torna-se difícil apurar dados sistemáticos em fontes que não privilegiam a oralidade, a informalidade e a aleatoriedade a estas mais associada. Ouvi recentemente, e produzida por estudante universitária do Porto, a palavra *grupalhada*, com claro valor depreciativo, antes não atestada nas bases de dados escrutinadas.

A consulta dos *corpora* CETEMPúblico e NILC/São Carlos, alojados em <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl>, revela a inexistência de dados em *-arraço* e em *-alhão*, e a atestação de uma outra palavra antes não abonada nas diversas fontes consultadas:

- (68) Macharrão: “*par=ext724723-clt-94a-2*: Pelo latido dele, você sabe se a onça é **macharrão** sem crias, ou se é braba.” <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/acesso.pl> Projeto AC/DC: corpo CETEMPúblico

FLP 23(2)

A ser assim, *-alb-* e *-arr-* continuam disponíveis para a construção de novos derivados, mas como partes de estruturas bimembres portadoras dos sufixos *-ão* ou *-ada*.

As construções em pauta parecem ser unidades armazenadas no léxico mental que se encontram em fase de eventual mudança de estatuto e/ou de consolidação do mesmo, uma vez que já se afirmaram como padrões sistemáticos de relações som-significado em significativos conjuntos de palavras, representando assim esquemas derivacionais que podem ser replicados para formar novas palavras.

Padrões deste tipo mostram como a dicotomia entre propostas teóricas aparentemente antagónicas se revela pouco eficaz: valorizar uma análise morfológica baseada em palavras (*word-based morphology*) ou em morfemas (*morpheme-based morphology*) em nada contribui para melhor explicitar o estatuto morfológico das construções em análise, e ainda menos o processo de mudança em que se encontram envolvidas na atual fase de diacronia linguística.

Não se advoga aqui reduzir a análise das palavras morfológicamente complexas à combinatória sintagmática dos morfemas que as integram, pois torna-se indispensável conhecer o *modus operandi* de cada um dos afixos, nomeadamente em fases mais recuadas e em diassistemas em certos aspectos linguisticamente mais conservadores, como o do português europeu. Ademais, a relevância dos morfemas derivacionais no léxico mental e no processamento morfológico não pode ser subestimada, mormente nas palavras morfológicamente complexas (Aronoff, 1994), e

a existência de padrões morfemáticos como os de *-alhão* e de *-arrão* legitima a importância inofismável dos afixos. Por isso mesmo, a *word-based morphology* (Booij, 2007, p. 8-13; Booij, 2010), que adopta uma abordagem paradigmática, através da qual se identificam padrões sistemáticos de relações som-significado em conjuntos de palavras, representados em esquemas, não exclui os morfemas como peças essenciais da análise e do processamento morfológico. Como explicita Booij (2007, p. 10), “In this approach, it is not denied that the word *swimmer* consists of two constituent morphemes, but they are not the basic building blocks. Instead, words and relationships between words form the point of departure of the morphological analysis.”

Se se confirmar a produção futura de unidades lexicais com os itens lexicais *-alhão* e *-arrão*, outrora duais e agora unários, e ainda que em registos informais impregnados de expressividade e de subjetividade, estaremos perante uma mudança lexical e morfológica que se consolida, no sentido de tornar o sistema derivacional mais coeso e mais unívoco, rentabilizando o valor e o estatuto de *-alb-* e de *-arr-*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sequências *-alhão* e *-arrão* (e outras similares, como *-alhão*, *-alhada*, *-albote*, *-alhão*, *-arrão*) constituem um exemplo de construções derivacionais que se encontram em mudança de estatuto na língua portuguesa hodierna.

A análise de dados empíricos do português europeu ‘popular’ permite entrever um uso mais representado de *-alb-* e de *-arr-* do que o descrito pelas gramáticas, e uma pluralidade semântica que é típica de alguns operadores avaliativos, mas que em nada contribui para a univocidade estatutária de cada afixo no cômputo global dos avaliativos do português. Em ambos os casos, quando *-alb-* e *-arr-* funcionam a *solo*, como sufixos, há uma certa não univocidade forma-sentido, mais acentuada no caso de *-alb-* do que no de *-arr-*. Em ambos os casos, os valores podem ser diminutivo, aumentativo, depreciativo, mas, na língua comum e mais informal, estes dois últimos são os dominantes. Um novo padrão emerge quando estes ocorrem na construção *-alhão* e *-arrão*, pois nesta estrutura bimembre, já não construída de modo bietápico, mas reanalisada como um afixo composto, *-alb-* e *-arr-* veem o seu valor semântico ser consolidado, assumindo-se como portadores de depreciação. Clarificado o semantismo e o seu estatuto morfológico, o binómio forma-sentido ganha coesão acrescida e, com ele, a rede de relações derivacionais.

REFERÊNCIAS

- Aronoff M. Morphology by itself. Cambridge: MIT Press; 1994.
- Aronoff M, Fudeman K. What is Morphology? Oxford: Blackwell Publishing; 2005.
- Azeredo JC. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha; 2010.
- Basílio M. Teoria lexical. 6.ª ed. São Paulo: Ática; 1999.
- Basílio M. Formação e classes de palavras no português do Brasil. São Paulo: Contexto; 2004.
- Bechara E. Moderna gramática portuguesa. 37.ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna; 2004.

- Boléo MP. Estudos de Linguística portuguesa e românica, vol. I: Dialectologia e história da língua, Tomo I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis; 1974.
- Boléo MP. Le matériel de l'I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'Atlas linguístico de la Península Ibérica et l'Atlas prévio dos falares baianos (Problèmes biosociolinguistiques au Portugal continental: innovation et conservantisme; le langage de la femme; aires statistiques et dynamiques). *Revista Portuguesa de Filologia*. 1978;17.
- Boléo MP, Silva MHS. O mapa dos dialectos e falares de Portugal continental. In: Boléo MP, organizador. Estudos de Linguística portuguesa e românica, vol. I: Dialectologia e história da língua, Tomo I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis; 1974. p. 309-352.
- Booij G. *The grammar of words: an introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press; 2007
- Booij G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press; 2010.
- CETEMPúblico e NILC/São Carlos [internet]. [citado 27 out. 2021]. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/aceso.pl>.
- Costa JA, Melo AS. *Dicionário da língua portuguesa*. 6.^a ed. Porto: Porto Editora; 1984.
- Cunha AG. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1986.
- Cunha C, Cintra LFL. *Nova gramática do português contemporâneo*. 10.^a ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa; 1984.
- Delgado MJ. *A linguagem popular do Baixo Alentejo*. Beja: Minerva Comercial; 1951.
- Dias JL. *A linguagem popular da Beira Baixa: apontamentos*. Lisboa: Editorial Império; 1962.
- Fernandes HP. *O Parâmio. Contribuição para o estudo da linguagem e etnografia da região bragançana [dissertação de licenciatura]*. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 1961.
- Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1.^a ed., 15.^a impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975.
- Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1987.
- Figueiredo C. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Bertrand. 16.^a edição; 1981. 2 vol.
- Fonseca DM. *Subsídios para o estudo da linguagem popular da Vermiosa [dissertação de licenciatura]*. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 1945.
- Fradinho MG. *Maneiras de dizer alentejanas*. *Revista Lusitana*. 1933;31:99-137.
- Houaiss A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; 2002.
- Langacker RW. *Subjectification*. *Cognitive Linguistics*. 1990;1:5-38.
- Lopes F. *Crónica de D. João I*. Almeida ML, Basto, AM, editores. Porto: Livraria Civilização; 1949. (Vol. 2).
- Maçãs D. *Ironia e depreciação na língua portuguesa: a propósito da obra estilística da ironia*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; 1967.

- Machado JP. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 3.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte; 1977.
- Maia CA. Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1977.
- Matias MFRF. Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença). *Revista Portuguesa de Filologia*. 1984;18-19.
- Meyer-Lübke W. *Romanisches etymologisches wörterbuch*. 4.^a ed. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag; 1968.
- Monteiro JL. Quem disse que não há infixos em português? *Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CIFEFIL & UFRJ; 1999. p. 77-97. [citado 02 nov. 2021]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anaisiicnlf50.htm>.
- Nunes, JJ. Dialectos algarvios. *Revista Lusitana*. 1902;7:33-55.
- Nunes JJ. *Compêndio de gramática histórica portuguesa - Fonética e Morfologia*. 9.^a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora; 1989.
- Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo [internet]. [citado 02 nov. 2021]. Disponível em: <https://ccint.fflch.usp.br/observatorio-de-neologismos-do-portugues-brasileiro-contemporaneo>.
- Paiva MHN. *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa: Publicação do Centro de Estudos Filológicos; 1961.
- Pereira FA. Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho). *Revista Lusitana*. 1923;25:180-204.
- Pereira FA. Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho). *Revista Lusitana*. 1932;30:187-198.
- Pereira MPS. *Fafe*. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho. *Revista Portuguesa de Filologia*. 1952;3-4-5.
- Pombinho Jr. JA. Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português). *Revista Lusitana*. 1935;33:94-176.
- Pontes EMS. Sufixos aumentativos: contribuição para o estudo das possibilidades sufixais aumentativas na língua portuguesa [tese de licenciatura]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 1959.
- Pratt Ó. Notas à margem do novo dicionário da língua portuguesa. *Revista Lusitana*. 1913;16:206-279.
- Relatórios dactilografados do Inquérito Linguístico Boléo (R.I.L.). Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 1942-1978. Relatório.
- Rio-Torto G. Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos [tese]. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 1993.
- Rio-Torto G. Formação de avaliativos. In: Rio-Torto G, et al. *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 2016, p. 357-389.
- Rio-Torto G. Derivação. In: Raposo EP, et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2020, p. 215-336.
- Rocha H. *Sotavento*. 2.^a ed. Porto: Porto Editora; 1979.

- Rocha Lima CH. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio; 1972.
- Rodrigues AS. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: Rio-Torto G. et al., organizadores. Gramática derivacional do português. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 2016. p. 35-133.
- Salgueiro ML. Contribuição para um estudo linguístico-etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó [dissertação de licenciatura]. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 1945.
- Sandmann AJ. Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Curitiba: Ícone; 1989.
- Saraiva Cardeal (D. Francisco de S. Luiz). Obras completas do Cardeal Saraiva. Caldeira AC, editor. Lisboa: Imprensa Nacional; 1872-1883. (Tomo IX: 1880)
- Silva FJ. Dicionário da língua portuguesa. 3.^a ed. Porto: Domingos Barreira; 1955.
- Skorge S. Os sufixos diminutivos em português. Boletim de Filologia. 1965;16-17.
- Soares Barbosa J. Grammatica philosophica da língua portugueza ou princípios da grammatica geral applicados á nossa linguagem. Lisboa: Typographia da Acad. Real das Sciencias. S. L.; 1822.
- Sousa ACI. Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé [dissertação de licenciatura]. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 1955.
- Sousa AEA. Linguagem popular e etnografia de Escarigo [dissertação de licenciatura]. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; 1946.
- Souza L. Uma análise dos sufixos -ão, -ona, -aço, -aça, -uço e -uça no português brasileiro [dissertação]. Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015. [citado 04 jun. 2022] Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129022/000968596.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Traugott EC. From subjectification to intersubjectification. In: Hickey R, editor. Motives for Language Change. Cambridge: Cambridge University Press; 2003. p. 124-139.
- Vasconcelos CM. Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913). Lisboa: Dinalivro; 1914.
- Vasconcelos JL. Filologia barranquenha: apontamentos para o seu estudo. Lisboa: IN-CM; 1981[1955].
- Viana A. Subsídios para um vocabulário algarvio. Revista de Portugal. 1954;18-19.

FLP 23(2)